

# GLOBAL FASHION EXPORT

METROPOLIS

SALÓN INTERNACIONAL DE MODA

INTERNATIONAL FASHION TRADE SHOW

**3-5 feb. 2017**

SHOES

SALÓN INTERNACIONAL DE CALZADO Y ACCESORIOS

INTERNATIONAL FOOTWEAR AND ACCESSORIES TRADE SHOW

**4-6 mar. 2017**



[www.momad.ifema.es](http://www.momad.ifema.es)

Síguenos en / Follow us   

ORGANIZA  
ORGANISED BY:



**IFEMA**  
Feria de  
Madrid



ARTIGO DE OPINIÃO: PAULO VAZ, DIRETOR GERAL DA ATP

## O "NOVO NORMAL": UMA ESPÉCIE DE BALANÇO DE 2016

O FINAL DE CADA ANO É SEMPRE TEMPO DE BALANÇOS, CUJO OBJETIVO PRIMEIRO É UMA INTERPRETAÇÃO DISTANCIADA DO QUE SE PASSOU E UM PRIMEIRO EXERCÍCIO PARA UMA PREVISÃO DO ANO QUE VAI COMEÇAR.

O ano de 2016 foi um ano em que o impossível se tornou possível por diversas vezes, podendo dizer-se que, hoje, vivemos um "novo normal", que não obedece em nada ao que estávamos habituados, historicamente, e que não segue os cânones da racionalidade ou do senso comum. Aceitar esta nova realidade é um bom princípio para a sua compreensão e para se poder prognosticar com menor margem de erro.

Vejamos.

1. Contra todas as expectativas, o referendo britânico determinou a saída do Reino Unido da Europa, dando assim uma vitória inesperada aos defensores do "Brexit", os quais, até há bem pouco tempo, eram tomados como excêntricos e uma minoria, ruidosa, mas pouco credível e sem expressão eleitoral. Todos falharam: desde Cameron, que tentou uma manobra táctica para conservar o partido e o poder, à União Europeia que sempre considerou as pretensões separatistas do "Reino de Sua Majestade Britânica" como pouco sérias e sem consequências, passando pelos próprios promotores do referendo, que nunca esperaram tal resultado e menos ainda sabem o que fazer com ele.

2. O terrorismo islâmico regressa em força à Europa, da forma mais negra, atacando alvos primordialmente em França e na Bélgica, mas não poupando a Alemanha, mostrando a fragilidade da defesa e segurança europeias, em especial a sua descoordenação e desarticulação para lidar com o fenómeno, propiciando o aproveitamento das forças políticas populistas e o avanço da extrema-direita em países como a Holanda, a Áustria, a Polónia e a Hungria, que dominam a governação, abrindo portas a outros países fundamentais para a coesão comunitária, como a França ou a Alemanha.

3. A Espanha viveu quase ano e meio sem governo, ou melhor, apenas com um executivo de gestão. Não deixa de ser espantoso que uma economia com a dimensão da espanhola cresça mais de 3%, quando não tem existe comando político na máquina do Estado, provando que quando a sociedade civil está liberta ela funciona melhor. Uma lição que

deve custar a perceber a muita gente tida como iluminada, nas mais diversas geografias do mundo.

4. Em Portugal, um governo de esquerda moderada é apoiado por partidos da esquerda radical, satisfazendo paradoxalmente as pretensões de uma Europa desconfiada e a pressão ideológica do extremismo jacobino interno. Só a habilidade negocial do Primeiro-Ministro foi capaz deste milagre de coexistência, a que foi essencial a neutralização da crispação social realizada pelo Presidente da República ao longo do ano, exibindo uma ação dinâmica e bem mais interventiva do que os anteriores e que se tem revelado um aliado precioso do executivo de António Costa. A verdade é que, com um segundo Orçamento de Estado aprovado, e viabilizado pela Comissão Europeia, assim como um défice das contas públicas aparentemente sob controlo, os desafios que se abrem não são fáceis: mercados internacionais da dívida nervosos e pouco complacentes, crescimento persistentemente fraco e investimento em queda, são mais que suficientes para fazerem do ano que vem um ano decisivo na sobrevivência da "geringonça", nome bem apropriado à solução governativa esdrúxula que se arranjou. Resta saber se não será precisamente António Costa e o PS a propiciarem eleições antecipadas para se livrarem da "tralha" de esquerda, que providencialmente os apoiou, mas que tenderá a ser totalmente descartável.

5. Finalmente, a grande surpresa do ano veio dos Estados Unidos. O improvável tornou-se admissível e o impossível realizou-se. Donald Trump, candidato independente dos Republicanos, que nem no partido conseguiu simpatias e apoios, conseguiu ser eleito, enfrentando Hillary Clinton, mas, sobretudo, todo o sistema político vigente. O estilo execrável que exibiu, só capaz de competir com um discurso ao mesmo nível, soube afinal conquistar a América esquecida, em linha com o delirante populismo que já tinha vencido no Reino Unido e em outras geografias, revelando bem que há muito que mudar nas democracias e nos sistemas políticos, económicos e sociais, em particular no mundo livre, no princípio deste século XXI, pelo que confinarmo-nos a apreciações de estupefação, de choque ou de insulto, não vai resolver nada. Não